

## Introdução

Esta tese de doutorado está centrada no desenvolvimento de um conceito de memória que seja capaz de se configurar como um articulador potente das relações estabelecidas entre obras literárias contemporâneas.

O campo dos estudos de memória tem se alargado à medida em que mais pesquisadores se debruçam sobre o funcionamento da memória desde seu componente neurológico até sua realização social, englobando diversos subsistemas culturais, entre eles a literatura. Assim, esta tese tem por objetivo desenvolver o termo “memória do desconforto”, criado para ser utilizado como ferramenta para a interpretação de obras literárias.

Para tanto, no Capítulo 1, estudos sobre memórias foram cronologicamente avaliados gerando um panorama da antiguidade à contemporaneidade, enfatizando autores clássicos, como Platão e Aristóteles; autores do Iluminismo e Romantismo, como Locke e Hume; pensadores do fim do século XIX, do século XX e da contemporaneidade, em especial Nietzsche, Freud, Bergson, Benjamin, Fanon, Bhabha e Spivak, entre outros. A proposta deste capítulo não reside apenas em elencar autores e seus posicionamentos, mas demonstrar como certos paradigmas são negados e posteriormente re-escritos frente a novas configurações. Além disso, propõe-se a demarcar o crescimento vertiginoso de estudos sobre memória a partir do século XX.

O Capítulo 2 traz uma interpretação para o romance *As pequenas memórias*, do autor português José Saramago. O título do capítulo, “A memória apaziguada”, situa o ponto de vista central desta tese, demonstrando que certas obras trazem em suas narrativas um conceito de memória muito ligado à ideia de apaziguamento, ou seja, a proposição de que a lembrança de certos fatos da vida de um indivíduo traz paz e tranquilidade na totalidade de sua história de vida. Contudo, essa sensação é ilusória na medida em que nossa realidade cotidiana é transmutada continuamente frente às interações que desenvolvemos com outros indivíduos. Por outro lado, tal ilusão é tão fortemente controlada socialmente que o conceito de verdade em relação ao que se narra aponta para a necessidade da formação de um pacto entre leitor e narrador.

Por isso o Capítulo 3 traz um estudo sobre as concepções de autobiografia, a fim não só de averiguar os pactos entre leitor e narrador, mas também as propostas que certas obras literárias, de autores citados logo abaixo, apontam como necessárias para a compreensão de que tal história não só faz sentido mas configura-se como um mundo simbólico pleno de significado para o indivíduo que o vive. Para tanto, obras de Pedro Nava, Bernardo Guimarães e outros autores latino-americanos, como Luiza Valenzuela e Washington Cucurto serão utilizadas como ponto de partida para considerações teóricas e literário-interpretativas.

Mesmo que existam muitos diferenciados mundos simbólicos e um indivíduo tenha que optar constantemente entre eles, forjando os elementos que constarão na sua narração de vida, a escrita autobiográfica assenta-se fortemente sobre critérios como “tempo” e “espaço” e, a partir disso, faremos um breve estudo no Capítulo 4 sobre tais termos, principalmente respaldados pela sensação pós-moderna de que “tempo” e “espaço” confluem para o mesmo campo, ou seja, são constantemente interpretados como categorias que se mesclam indistintamente, muitas vezes.

No Capítulo 5, propõe-se a análise de uma obra da literatura malinês, tendo em vista as configurações anteriormente expostas, principalmente no que tange às intersecções entre campos e ferramentas de análise. A obra *Amkoullel: o menino fula*, de Hamadou Hâmpaté Bâ, torna-se especialmente interessante para a discussão proposta por sua dificuldade de inserção nos campos da autobiografia, estudo etnográfico e/ou escrita sociológica, muito embora articule o termo “memória” dentro do que chamamos até então de “a memória apaziguada”, pois ainda resiste em observar que, muito embora seja claro que o passado não passou de todo, ele é apresentado como uma entidade capaz de completar as lacunas na história de uma vida e gerar o senso de segurança.

Finalmente, no Capítulo 6, sugere-se a configuração do termo “memória do desconforto” a partir da análise de dois romances do português António Lobo Antunes, *A morte de Carlos Gardel* e *O manual dos inquisidores*. Neste capítulo, demonstra-se que a memória, muito mais do que restaurar o elo perdido no evento de uma vida, é responsável por demarcar a instabilidade, a falta de lógica e/ou segurança no momento em que se narra uma história de vida, principalmente pela

percepção muito bem administrada dos narradores de Lobo Antunes de que a memória do desconforto não só não soluciona os problemas do passado, mas os faz presentes constantemente, lembrando-nos de que o esquecimento é quase impossível para o homem pós-moderno, embora fosse uma dádiva maior do que a lembrança.

Espera-se que esta tese seja uma contribuição não só para os estudos de memória, mas que possibilite uma compreensão mais alargada também para estudos multidisciplinares que aceitem o caráter espiralado das identidades e mundos simbólicos da pós-modernidade, já que, como conceito articulador, a categoria “memória do desconforto” pode ser útil para os estudos de literatura, na medida em que permite aprofundar aspectos narrativos, procedimentos de escrita e de produção cultural e, numa perspectiva mais ampla, o trabalho permite interrogar os mecanismos de produção subjetiva, tal como têm sido utilizados na literatura e na crítica contemporâneas.